

# **A CRÔNICA ESPORTIVA EM TEMPOS DE JORNALISMO PARTICIPATIVO**

## **Uma experiência inicial com cronistas do Sport Club do Recife**

Roberto Azoubel da M. Silveira  
Doutor em Letras pela PUC-Rio

### **1. Introdução**

Este trabalho é um desdobramento do projeto de pesquisa que comecei a elaborar no intuito de ingressar no pós-doutorado do Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ele traz as informações iniciais colhidas na estruturação deste projeto que objetiva investigar o panorama atual da crônica esportiva no país (restringindo-se ao universo do futebol) com o advento do chamado jornalismo participativo.

Para iniciar a montagem do projeto de pesquisa, tomei como partida duas atividades metodológicas: 1) investigação da bibliografia acerca dos temas envolvidos (crônica esportiva no Brasil e jornalismo participativo); 2) aplicação de um primeiro questionário aos cronistas que escrevem *on-line* em espaços (sites e blogs) dedicados a uma determinada agremiação futebolística brasileira.

No que diz respeito a primeira atividade, as informações que colhi nestas leituras foram de grande relevância tanto para uma compreensão mais teórica de um fenômeno recente no campo da comunicação, como para minha percepção da construção de uma certa tradição do gênero no país. Tradição esta que é marcada por uma cisão de caráter estilístico entre os autores, conforme veremos rapidamente no tópico seguinte, e que transparece e se estende na produção cronística que vem sendo realizada na Internet.

Em relação a segunda, cabe dizer que esta atividade foi um recorte, através de uma análise de caso, para que eu pudesse ter uma dimensão inicial do objeto da pesquisa. A escolha de cronistas que escrevem sobre o Sport Club do Recife para aplicação de um questionário foi, do ponto de vista científico, aleatória e se deveu, em boa parte, a minha própria frequência nos espaços onde eles escrevem (creio que já não preciso me denunciar como um torcedor desta agremiação). Além disso, a opção por um clube de médio porte para o início de uma pesquisa, pareceu-me mais confortável. As descrições destes espaços e as respostas obtidas nos questionários serão analisadas no quarto tópico.

Tomando estas duas atividades metodológicas como referências experienciais, pretendo com este trabalho, além de dar um pontapé inicial para uma pesquisa mais ampla, apresentar informações sobre o atual momento da crônica esportiva brasileira, mostrando alguns dados que revelam seus diálogos e suas (possíveis) inovações em relação a tradição do gênero no país.

## 2. A crônica esportiva no Brasil

### 2.1. Crônica: definição, origem e marca brasileira

Podemos hoje enquadrar a crônica como um gênero jornalístico-literário de assunto livre, que registra pequenos fatos do cotidiano sobre política, arte, esporte, entre vários outros temas. Por tratar de assuntos considerados menos importantes e por ser um texto limitado espacialmente nas edições dos jornais nas colunas ou em artigos opinativos, a crônica é tida como um gênero menor, o que, talvez, seja essa característica que permita ao cronista analisar “as pequenas coisas que as grandes vistas não percebem” (LUCENA, 2003, p. 162).

A crônica tal como a conhecemos hoje no Brasil, nasceu nos rodapés dos jornais franceses do século XIX com o objetivo de entreter os leitores. Nestes espaços, começaram a aparecer textos que diferiam do caráter jornalístico do conteúdo editorial. Eram os chamados folhetim-romance e folhetim-variedades. O folhetim romance eram textos ficcionais desenvolvidos em capítulos, o que permitia que o leitor acompanhasse a história dia a dia pelos jornais. Já o folhetim variedades comentava fatos do cotidiano, dando liberdade ao autor de construir diálogos, acrescentar personagens, além de se exprimir em uma linguagem mais livre que o restante da edição. Foi o este último que deu origem a crônica.

No Brasil, sobretudo a partir do final do século XIX, o gênero foi ganhando uma nova roupagem, a ponto do professor e crítico literário Moisés Massaud afirmar que criamos uma outra forma textual. Para ele:

[...] a crônica assumiu entre nós caráter *sui generis*. Em outros termos, estamos criando uma nova forma de crônica (ou dando erradamente esse rótulo a um gênero novo) que nunca medrou na França. Crônica é para nós hoje, na maioria dos casos, prosa poemática, humor lírico, fantasia, etc. [...] (MOISÉS, 1982, p. 246).

Ao longo de todo século XX, a crônica brasileira se firmou e se afirmou como gênero, estabelecendo uma tradição de bons autores, muitos deles pertencentes ao cânone literário nacional como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, José Lins do Rêgo, Clarice Lispector, entre outros.

### 2.2. Mário Filho, o “inventor” do futebol brasileiro

O futebol é visto como um dos principais símbolos da chamada “identidade brasileira”. No entanto, tal construção identitária é relativamente recente na história cultural do Brasil. Seu marco cronológico inicial ocorre na década de 1930, momento em que o esporte se torna profissional no país, graças à popularização promovida de forma determinante pelo jornalismo, através da mediação das transmissões dos jogos pelo rádio e do aumento de espaço nas editorias dos jornais impressos.

Nesse movimento de crescimento da presença do futebol na imprensa brasileira, um nome contribuiu de maneira crucial: Mário Rodrigues Filho. Sua atuação na promoção de competições, eventos, notícias e fatos, em suma, do próprio espetáculo futebolístico, foi de fundamental importância para tornar o esporte popular entre nós. Nascido no Recife em 1908, Mário Filho se transferiu para o Rio de Janeiro ainda durante a infância. Em 1926, na adolescência, iniciou a carreira jornalística ao lado do pai, Mário Rodrigues, então proprietário do jornal *A Manhã*, como repórter esportivo, um ramo do jornalismo ainda inexplorado. Como era um entusiasta do futebol, já neste primeiro trabalho Mário Filho dedicou páginas inteiras à cobertura das partidas

dos times cariocas. No *Crítica*, segundo jornal de propriedade de seu pai, Mário revolucionou o modo como a imprensa mostrava os jogadores e descrevia as partidas, adotando uma abordagem mais direta e livre de rebuscamentos, inspirado no linguajar dos torcedores. Foi desta época a popularização da expressão "Fla-Flu", que muitos consideram ter sido criada pelo próprio Mário.

Após a morte de seu pai e o fim do *Crítica* (que dirigiu por poucos meses) em 1931, Mário fundou aquele que é considerado o primeiro jornal inteiramente dedicado ao esporte em todo o mundo, *O Mundo Sportivo*, de curta existência. No mesmo ano passou a trabalhar no jornal *O Globo*, ao lado de Roberto Marinho, seu companheiro em partidas de sinuca. Neste novo emprego, levou a mesma forma de escrever inaugurada no *Crítica*, um estilo que foi fundamental para tornar o futebol - então uma atividade da elite - um esporte de massas. Em 1936, Mário comprou de Roberto Marinho o *Jornal dos Sports*, publicação em que criou os Jogos da Primavera em 1947, os Jogos Infantis em 1951, o Torneio de Pelada no Aterro do Flamengo e o Torneio Rio-São Paulo.

No final dos anos 40, o jornalista lutou pela imprensa contra o então vereador Carlos Lacerda, que desejava a construção de um estádio municipal em Jacarepaguá, para a realização da Copa do Mundo de 1950. Mário conseguiu convencer a opinião pública carioca de que o melhor lugar para o novo estádio seria no terreno do antigo Derby Clube, no bairro do Maracanã, e que o estádio deveria ser o maior do mundo, com capacidade para mais de 150 mil torcedores. Considerado o maior jornalista esportivo brasileiro de todos os tempos, Mário faleceu de um ataque cardíaco, aos 58 anos. Em sua homenagem, o antigo Estádio Municipal do Maracanã ganhou o seu nome.

Em paralelo a popularização do futebol, o trabalho de Mário Filho promoveu a valorização do *métier* do analista e do repórter esportivo. Para o também cronista e dramaturgo Nelson Rodrigues, seu irmão, foi Mário quem “inventou” a crônica esportiva brasileira, dando-lhe uma linguagem própria que aproximou, através da palavra, o futebol do povo. Sobre isto, ele colocou:

Mário Filho inventou uma nova distância entre o futebol e o público. Graças a ele, o leitor tornou-se tão próximo, tão íntimo do fato. E, nas reportagens seguintes, iria enriquecer o vocabulário da crônica de uma gíria irresistível. E, então, o futebol invadiu o recinto sagrado da primeira página [...]. Tudo mudou, tudo: títulos, subtítulos, legendas, clichês [...]. O cronista esportivo começou a mudar até fisicamente. Por outro lado, seus ternos, gravatas e sapatos acompanharam a fulminante ascensão social e econômica. Sim, fomos profissionalizados por Mário Filho (RODRIGUES *apud* MARON FILHO; FERREIRA (orgs.), 1987, p. 137-138 ).

### **2.3. O futebol entre a paixão e a razão**

A partir da década de 1950, quando finalmente a polêmica sobre se o futebol seria ou não parte constitutiva da cultura nacional foi apaziguada no meio intelectual, a crônica esportiva ganhou prestígio no país, sobretudo por intermédio dos textos de autores como o próprio Mário Filho, o citado Nelson Rodrigues e José Lins do Rego. No entanto, neste mesmo período, uma cisão de caráter estilístico veio à tona em relação ao gênero, uma querela entre os *racionalistas*, que preferiam escrever sobre a parte técnico/tática da modalidade, e os *apaixonados*, mais preocupados com os aspectos sociais ligados ao esporte do que com a partida propriamente dita.

Podemos afirmar que um dos grandes motivos, senão o maior, desta cisão foi de

ordem tecnológica. Foi na década de 50 que a televisão foi introduzida no Brasil, não tardando em utilizar o recurso do videoteipe. Até então, a crônica esportiva brasileira, como nos casos dos textos dos cronistas citados, era, conforme a tipologia descrita acima, *apaixonada*. Livres do registro da imagem, os autores usavam a imaginação e estimulavam as dos leitores, discorrendo sobre fatos curiosos (e muitas vezes líricos) que ocorriam nas partidas e, sobretudo, nos seus entornos (vida social, torcida, arredores dos estádios etc.). A própria falta de uma estrutura profissional mais sólida na imprensa esportiva do país permitia ao cronista a liberdade de criar textos mais fantasiosos, inventando, em algumas ocasiões, situações ficcionais, sem que pudesse ser desmentido por gravações televisivas.

O advento da televisão trouxe uma maior profissionalização do jornalismo esportivo. Com ela, o público passou a ter acesso as transmissões de jogos, programas esportivos, mesas-redondas com participações de especialistas, uso do videoteipe, entre outros recursos. Tudo isso terminou por influenciar a crônica futebolística que foi perdendo seus enredos imaginativos, cedendo espaço para análises mais técnicas dos jogos.

Mais novo que Mário Filho e José Lins do Rêgo, Nelson Rodrigues foi o cronista que mais intensamente viveu esta mudança estilística da crônica esportiva nacional, sendo o mais emblemático naquele momento. Isto porque, com o estabelecimento da televisão, Nelson, com seu estilo passional e de pendor dramático, teve em várias ocasiões suas crônicas questionadas por outros cronistas que divergiam dos seus posicionamentos pautados nas imagens – para esses criou a expressão “idiotas da objetividade”, que terminou sendo recorrente em seus textos. Para o autor, as transformações trazidas pelos novos meios tecnológicos tolhiam a imaginação. Foi por acreditar nisso que cunhou a frase: “O videoteipe é burro”, também bastante repetida em suas declarações.

Cabe aqui ressaltar, no entanto, que esta tipologia entre cronistas apaixonados e racionalistas não se deu de forma tão categórica, tendo em vista que vários autores não permaneceram no rígido limite imposto por ela. Neste sentido, André Mendes Capraro, na sua tese *Identidades imaginadas: futebol e nação nas crônicas esportivas brasileiras do século XX*, faz a seguinte colocação:

“(…) mesmo que permaneçam dentro dos limites de um tipo de crônica, muitos podem alterar sua forma de abordagem textual exatamente para escapar do convencional, buscando a adesão do público leitor que, no decorrer de décadas, ganhou um repertório cada vez maior de crônicas e escritores nos periódicos brasileiros (...)” (CAPRARO, 2007, pág. 47)

Porém, mesmo concordando com Capraro, ao longo de toda segunda metade do século XX e até o momento atual, esse conflito se faz presente, caracterizando a escrita dos cronistas esportivos nacionais. Mesmo flertando entre um estilo e outro, não é difícil para nós percebermos as tendências dos escritores perante a categorização da tipologia descrita acima. Apenas a título de ilustração, entre os autores que escrevem hoje na imprensa brasileira, podemos considerar mais racionalistas os textos de Tostão, Fernando Calazans e Lédio Carmona, por exemplo; com viés mais apaixonado, temos as crônicas de Armando Nogueira, Luís Fernando Veríssimo, José Geraldo Couto, Xico Sá, entre outros autores.

### 3. A Web 2.0 e o Jornalismo Participativo

Como acabo mostrar, a televisão teve uma influência fundamental no aspecto estilístico da crônica esportiva brasileira. Nas duas últimas décadas, estamos vivenciando uma outra revolução comunicacional com o surgimento e o rápido desenvolvimento das chamadas novas tecnologias de informação e comunicação (TICs). No campo do jornalismo, é bastante perceptível uma mudança de panorama, tanto no que diz respeito à produção como ao consumo, com a chegada da rede mundial de computadores, a mais representativa e importante dessas novas tecnologias. Um panorama que vem alterando - e deve se alterar ainda mais - com o advento da chamada Web 2.0.

A expressão Web 2.0 foi empregada em público pela primeira vez no ano de 2004, como nome de uma série de conferências sobre o tema realizadas pela editora *O'Reilly Media*<sup>1</sup> e pela *MediaLive International*, empresa promotora de eventos na área de tecnologia. Desde então, ela vem se popularizando de forma avassaladora.<sup>2</sup>

Web 2.0 é um termo que se refere à segunda geração de serviços e aplicativos da Internet e aos recursos, tecnologias e conceitos que permitem um maior grau de interatividade e colaboração na utilização da rede mundial de computadores. Tim O'Reilly, fundador da *O'Reilly Media*, a define de forma sucinta e paradigmática:

Web 2.0 é a mudança para uma internet como plataforma, e um entendimento das regras para obter sucesso nesta nova plataforma. Entre outras, a regra mais importante é desenvolver aplicativos que aproveitem os efeitos de rede para se tornarem melhores quanto mais são usados pelas pessoas, aproveitando a inteligência coletiva. (WIKIPÉDIA. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Web\\_2.0](http://pt.wikipedia.org/wiki/Web_2.0). Visitado em: 25/07/2008)

Baseado nesta idéia de “inteligência coletiva”, sua maior revolução vem sendo, sem dúvida, possibilitar uma efetiva participação dos usuários na criação de conteúdos produzidos livremente na Internet, sem a chancela de uma instituição ou mesmo de um suporte de técnicas jornalísticas de apuração. Com a Web 2.0, a rede ganhou caráter ainda mais social, integrando os indivíduos no processo de geração, distribuição e organização da informação, e possibilitando a interação entre eles na disseminação de seus conhecimentos. No Brasil, por exemplo, segundo a F/Radar, pesquisa realizada pelo instituto DataFolha a pedido da F/Nazca, 53% dos que acessam a Internet já incluíram ou incluem textos e/ou informações de sua autoria no ciberespaço<sup>3</sup>.

A popularização da Web 2.0 vem trazendo mudanças nas empresas e práticas jornalísticas da Internet. O envolvimento de cidadãos comuns, antes considerados meros leitores, na publicação e edição de conteúdos dos veículos comunicacionais, é uma prática cada vez mais corrente. Esta tendência é chamada de Jornalismo Participativo, Jornalismo Cidadão, Jornalismo Open-Source ou mesmo Jornalismo

---

<sup>1</sup> Editora americana criada por Tim O'Reilly que, além da publicação de livros, desenvolve sites de Web, organiza congressos, entre outras atividades na área da computação (fonte: *Wikipédia*).

<sup>2</sup> Segundo informação de Crystiam Kelle Pereira e Silva, bacharel em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Juiz de Fora: “Após um ano e meio do surgimento do termo Web 2.0, este já se consagrava com mais de 9,5 milhões de citações no Google”. In: PEREIRA e SILVA, Crystiam Kelle. *Web 2.0: a migração para a Web social*. Juiz de Fora (monografia), 2007.

<sup>3</sup> Fonte: *F/Nazca*. Disponível em: [http://www.fnazca.com.br/news/news.php?pag=4&id\\_news=635](http://www.fnazca.com.br/news/news.php?pag=4&id_news=635). Acesso em 02/10/2008.

## 4. A crônica esportiva em tempos de jornalismo participativo

Como o jornalismo participativo é um fenômeno muito recente, ainda é difícil avaliar do ponto de vista estilístico como ele vem afetando a crônica esportiva brasileira - este é um dos pontos que pretendo investigar no futuro de minha pesquisa. No entanto, uma característica que se apresenta de imediato com esta nova tendência jornalística é a democratização da produção textual. A cada dia cresce o número de pessoas que, independente de estarem ligados ou não a algum órgão da imprensa, escrevem matérias, reportagens, crônicas, enfim, toda sorte de textos jornalísticos para serem publicados na Internet. No caso específico da crônica esportiva brasileira, a quantidade de cronistas profissionais, amadores, torcedores de clubes, amantes do esporte etc., que escrevem em sites e blogs, sejam eles dos grandes veículos de comunicação, das agremiações – oficiais ou não -, ou mesmo pessoais, sobre futebol já salta aos olhos.

### 4.1. O Sport Clube do Recife *on-line*

Na tese intitulada *O gol por um clique: uma incursão ao universo da cultura do torcedor de futebol no ciberespaço* (Comunicação, PUC-SP, 2006), Ary José Rocco Júnior considera que existem basicamente três tipos de espaços dedicados aos clubes na Internet: as páginas oficiais das agremiações, os *sites* das torcidas organizadas e os endereços não-oficiais mantidos por torcedores dos times. Pelo que pude perceber nesse primeiro passo de minha pesquisa, o gênero crônica pode ser encontrado em todos eles, o que, levando em consideração a quantidade de clubes brasileiros e de seus respectivos torcedores, torna o universo a ser investigado vastíssimo.

Diante desse grande volume de crônicas sobre o futebol brasileiro já disponível na rede, tomei como experiência inicial investigar alguns sites e blogs cujos cronistas se dedicam a uma agremiação de futebol específica. Conforme coloquei na introdução, a escolha do Sport Club do Recife foi, do ponto de vista científico, aleatória e muito se deveu a minha própria frequência nas páginas eletrônicas sobre o time. No entanto, o fato de ser um clube de médio porte no cenário futebolístico brasileiro<sup>4</sup>, sem a grande quantidade e volatilidade de endereços consagrados aos times mais populares, mas com espaços na rede permanentes, sempre atualizados e bastante frequentados, esta opção me pareceu um recorte interessante e mais viável para um primeiro contato com o objeto de investigação da pesquisa.

A agremiação recifense possui endereços eletrônicos que lhes são dedicados dos três tipos mencionados acima. No entanto, selecionei apenas aqueles que possuem cronistas-colaboradores, o que deu um total de quatro endereços pesquisados<sup>5</sup>. Três são páginas não-oficiais mantidas pelos próprios torcedores e têm boa frequência de visitantes, confirmada pelos números de cadastros que possuem e pela quantidade de

---

<sup>4</sup> Em pesquisa realizada entre os dias 26 e 29 de novembro de 2007, o instituto *Datafolha* apontou o Sport no 13º lugar em números de torcedores entre os clubes brasileiros (fonte: *Datafolha*. Disponível em: [http://datafolha.folha.uol.com.br/po/ver\\_po.php?session=538](http://datafolha.folha.uol.com.br/po/ver_po.php?session=538). Acesso em 02/10/2008).

<sup>5</sup> O *site* de uma de suas torcidas organizadas, a *Leões do Cerrado*, possui um cronista que, no entanto, não respondeu as minhas tentativas de correspondência.

comentários postados nos seus fóruns (eles também estão bem rankeados no *Google*, pois aparecem logo na primeira página da busca “Sport Club do Recife”). São eles: 1) *Meu Sport* ([www.meusport.com](http://www.meusport.com)) ; 2) *Sportnet* ([www.sportnet.com.br](http://www.sportnet.com.br)); e 3) *Sport Club* (*Blog do Leão* - <http://www.sportclub.com.br/blog>).

O outro endereço é o *Blog do Torcedor* que integra o site *globoesporte.com* (<http://globoesporte.globo.com>). O *Blog do Torcedor* é um espaço destinado a crônicas escritas por torcedores de vinte e cinco clubes de futebol do Brasil. Cada agremiação possui um torcedor-cronista fixo, que foi escolhido pelo próprio site através de um concurso entre publicitários que escreviam sobre futebol. Estes torcedores-cronistas discorrem livremente sobre seus respectivos clubes com passionalidade e sem prazos para as trocas de textos. Eles ainda atuam como moderadores dos comentários que são deixados pelos torcedores-visitantes.

Após determinar as páginas eletrônicas que seriam abordadas nesta pesquisa inicial, enviei um questionário com doze perguntas abertas para nove cronistas que integram seus corpos editoriais. Obtive repostas de seis deles: Leonardo Camello (*Sportnet*), Walleys Santos (*Meu Sport*), Pedro Lazera (*Blog do Torcedor - globoesporte.com*), Hellen Dionísio (*Sportnet*), Rafael Coelho (*Sport Club - Blog do Leão*) e Beto Miranda (*Meu Sport* e *Sport Club - Blog do Leão*).

Através do questionário, procurei tomar conhecimento dos aspectos que envolvem a produção de cada um destes autores, sobretudo no que diz respeito a sua relação com a tradição do gênero no Brasil (se ele a conhece, como se percebe nela) e com a Internet. Mediante as respostas, pude levantar os seguintes dados e características gerais entre eles:

1) A faixa etária se encontra entre os 23 e 36 anos.

2) Somente um recebe remuneração financeira pela produção dos textos (justamente a única pessoa do sexo feminino do grupo). Três disseram que gostariam de escrever crônicas esportivas profissionalmente. Dois já se consideram profissionais na área (um mesmo sem receber qualquer gratificação em dinheiro). E um relatou que não desejaria viver apenas do ofício de cronista, mas que gosta de assumi-lo como algo rotineiro e obrigatório.

3) Todos afirmaram que escreveriam crônicas esportivas mesmo que não fosse sobre o seu clube.

4) Em relação à tradição do gênero no país, três afirmaram, de forma categórica, não conhecê-la. Um disse que a conhece, mas que não é fã dela, pois “existem muitos cronistas profissionais que deixam o profissionalismo de lado e buscam o sensacionalismo para conseguir audiência”. Outro escreveu que é mais inteirado da tradição de sua região (cita alguns de seus profissionais como José Santana, Luis Cavalcanti, Ralph de Carvalho e Maciel Jr.), mas que a nível nacional conhece os textos de alguns autores (menciona os nomes de Oldemário Toguinhó, Armando Nogueira, José Trajano e Lédio Carmona). Um último relata que conhece apenas aqueles que se destacaram a partir dos anos 90, já que antes disso era muito novo e também porque não existia a Internet.

Ainda sobre a tradição, ao serem solicitados para se definirem mediante a tipologia descrita acima, apenas um cronista se enquadrrou como *apaixonado*. Este se considera com a mesma credibilidade e conhecimento de qualquer outra pessoa para falar sobre futebol e questionou: “O que faria minha opinião sobre a parte tática ser

tão valorizada a ponto de ser publicada num portal super visitado na Internet?” (refere-se ao [globoesporte.com](http://globoesporte.com)). Como publicitário e redator, ele diz que procura fazer o que sabe que é “construir uma abordagem que conduza ao lado humorístico e criativo do esporte”.

Outro cronista se colocou em ambos os estilos, porém “com prevalência discreta para o racionalismo”, conforme escreveu.

Os quatro restantes se definiram como racionalistas. Entre estes, um defende que os dois estilos se confundem “ou devem se confundir para que a análise seja completa”, mas que na sua crônica cada vez mais se preocupa com os aspectos táticos. Outro se coloca a princípio como racionalista, porém considera que as duas abordagens são válidas e nada impede que se possa transitar entre elas. Por fim, o último acredita que deva repassar a notícia da forma mais imparcial possível, pois “a opinião de quem fala ou escreve nunca deve estar acima de quem vai ler, ouvir, ver”, e que, por esta razão, sempre procura escrever de forma racional.

5) No que diz respeito à Internet, ela é um recurso unânime para os cronistas como fonte de informações na composição de suas crônicas – afora os próprios endereços eletrônicos investigados nesta pesquisa, foram ainda citadas como páginas visitadas *PE 360°* ([www.pe360graus.com](http://www.pe360graus.com)) e *Blog do Torcedor do Sistema Jornal do Comércio* (<http://jc.uol.com.br/blogs/blogdotorcedor>), ambas com notícias sobre o futebol pernambucano. Além dela, outros meios de comunicação também foram destacados como fontes: quatro deles declararam que escutam programas esportivos das rádios locais (foram citadas: *Rádio Jornal*, *Rádio Clube*, *Rádio do Leão*, *Rádio CBN*, *Rádio Olinda* e *Transamérica*). Três acompanham os jornais impressos do Estado (foram citados os jornais *Folha de Pernambuco*, *Diário de Pernambuco* e *Jornal do Comércio*). E apenas dois fazem uso regular da televisão (foram mencionados os canais *Globo*, *TVU* local, *Bandeirantes* local e nacional, *SporTV*, *ESPN*).

Como instrumento de publicação de crônicas esportivas, todos os autores destacaram as potencialidades da nova tecnologia. Dois ressaltaram a autonomia que ela propicia na exposição de opiniões: um considerando-a “uma revolução na liberdade de expressão” e, como tal, ela teria revolucionado também o mundo das crônicas esportivas (sem explicar, no entanto, como); o outro dando relevo ao seu caráter democrático ao veicular textos tanto de profissionais como de não-profissionais da área. Outros dois elogiaram a disponibilidade de acesso às informações que ela oferece, conforme explicita o depoimento de um deles: “Anteriormente, o torcedor que quisesse obter informações sobre o seu time tinha que escutar resenhas esportivas das rádios que tinham seus horários definidos. Com a Internet não. A qualquer hora do dia, pode-se saber o que de mais importante aconteceu no seu clube de coração”. Os dois restantes valorizaram o viés interativo do veículo: “Você decide o ritmo de publicação, o estilo, interage com seus leitores, é muito legal”, colocou um; para o outro, esta interação do autor com o leitor é justamente o que diferencia os textos de Internet para os de jornais, tendo em vista que “as duas partes podem, inclusive, se ajudar, trocar informações e idéias”.

Esta interatividade do texto publicado na Internet apareceu como fator importante na composição das crônicas, sobretudo em relação aos seus conteúdos. Para um dos cronistas, “os comentários (dos leitores) podem suprir algo que a crônica tenha deixado passar despercebido, podem levar a outros níveis de interpretação”, no entanto, ele não acha que isto deve afetar a forma de escrever do cronista que “deve estar preparado para o contraditório, se for o caso”. Três dos entrevistados defendem



que os comentários não devem interferir no texto do autor. Um deles é bastante categórico neste sentido: “O fato dos textos serem abertos a comentários não muda a minha forma de escrita”. Outro relata que quando começou a escrever crônicas levava em consideração o que as pessoas poderiam achar delas, mas há dois anos escreve o que sinceramente acha sem se preocupar com as críticas negativas, pois elas “sempre ocorrerão e não posso fazer absolutamente nada neste sentido”, conclui. Este mesmo autor, no entanto, acha que “90% dos cronistas seguem em sentido contrário, ou seja, escrevendo o que o povo quer ler”. O outro restante coloca que, por conta dos comentários, a escrita da crônica pode até ser transmitida de forma mais direta, mas que “a opinião alheia não impede do autor escrever como realmente deve ser escrito”. Por outro lado, dois cronistas acreditam que esta interação afeta na elaboração do texto. Um deles confia que já escreveu crônicas exclusivamente por causa da intervenção de alguns leitores. Para o outro, o fato dos textos serem abertos a comentários muda a relação na escrita e que, por isso, tenta ter o máximo de cuidado para agradar aos leitores. Relata que já recebeu críticas em algumas crônicas, mas que as toma “pelo lado do aprendizado”.

## 5. Considerações finais de dados iniciais

Escrevi no início do tópico anterior que o jornalismo participativo é um fenômeno novo e que, por este motivo, ainda é difícil avaliar como ele vem afetando a crônica esportiva brasileira, principalmente no que se refere ao estilo dos autores. No entanto, mediante as primeiras informações (tanto bibliográficas como “de campo”) levantadas nesta minha pesquisa inicial, creio que algumas observações podem ser realizadas (observações que, antes de serem conclusivas, são iniciais). Ao relacionar os dados obtidos nas leituras preliminares e nos questionários dos atores escolhidos pelo meu recorte, pude constatar que:

1) Em primeiro lugar, há um desconhecimento da tradição da crônica esportiva do país por parte dos cronistas dedicados à agremiação futebolística escolhida. Apenas um dos entrevistados chegou a citar alguns autores de reconhecimento nacional.

2) Também há uma propensão de uma escrita de estilo mais *racionalista*. Somente um entre eles se assumiu como um cronista *apaixonado*. Este fato pode apontar uma tendência que se estabeleceu no Brasil desde o advento da televisão. Tal como ocorreu com os recursos deste veículo, a facilidade ainda maior de acesso às informações propiciada pela Internet, levam esses autores (e alguns fazem questão de) a se cercarem de dados que comprovem seus argumentos, muitas vezes abrindo mão da imaginação na composição dos textos.

3) Vem ocorrendo um aumento de espaço para a imprensa local, que é bastante prestigiada pelos cronistas. Mesmo com a diversidade de fontes informativas disponibilizada na rede, todos eles relataram que recorrem a fontes locais tanto *on-lines* quanto as anteriores (aliás, todos continuam, paralelamente, a fazer uso dos meios de comunicação mais tradicionais). O mesmo cronista, por exemplo, que citou autores reconhecidos da imprensa esportiva nacional, também mencionou alguns nomes das mídias pernambucanas. Nesse mesmo sentido localista, vale observar que um outro criticou o que chamou de “bairrismo” da imprensa sediada no eixo Sul-Sudeste, ou seja, para a parcialidade nas informações que ele considera existir nos veículos de

comunicação destas regiões. Esta questão do local (particularidades estaduais, regionais, entre outras determinações espaciais) é um ponto importante a ser investigado em outros *approaches* na continuidade da pesquisa.

4) A partir da minha observação direta dos textos dos autores, as crônicas, no que diz respeito a forma, de uma forma geral, não diferem do modelo convencional originário do jornalismo impresso. Em raros casos aparecem acompanhadas de fotos, vídeos ou qualquer outro recurso comum na mídia *on-line*. Apesar da manutenção formal, o conteúdo, no entanto, tem sofrido a intervenção da interatividade dos leitores que, conforme a declaração de um dos cronistas, as vezes chegam a pautar o que será escrito.

5) Por fim, cabe aqui deixar claro que este meu recorte do objeto de investigação foi uma amostra muito restrita. Ele me serviu apenas para ter uma primeira noção do universo a ser pesquisado. A pesquisa precisará nos passos subsequentes alargar seus horizontes, repetindo e aprofundando os procedimentos tomados em direção a outros clubes, estados, regiões, cronistas independentes etc.

## 6. Fontes bibliográficas:

BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. **A crônica: história, teoria e prática**. São Paulo: Scipione, 1993.

CAPRARO, André Mendes. **Identidades imaginadas: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX**. 2007. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná, 2007.

JARDIM, Gabriela. **Mediações sociais no jornalismo colaborativo: uma análise dos websites *OhMyNews International*, *Wikinews* e *Overmundo***. Monografia (Graduação em Comunicação Social). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2005.

LUCENA, R. de F. **A crônica como gênero que introduziu o esporte no Brasil**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 25, n. 1, p. 159-171, set. 2003.

MARON FILHO, Oscar; FERREIRA, Renato (org). **Fla-Flu... e as multidões despertaram**. Rio de Janeiro: Europa, 1987.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1982.

PEREIRA e SILVA, Crystiam Kelle. **Web 2.0: a migração para a Web social**. Monografia (Graduação em Comunicação Social). Universidade Federal de Juiz de Fora, 2007.

ROCCO JÚNIOR, Ary José. **O gol por um clique: uma incursão ao universo da cultura do torcedor de futebol no ciberespaço**. Tese (Doutorado em Comunicação Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

SALVADOR, Marco Antonio, et al. **A imprensa e a memória do futebol**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 14, 2005, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre (Conbrace – GT Comunicação e Mídia), 2005. 1. CD-ROM.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (Orgs.). **Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad – Faperj, 2006.

## **Endereços eletrônicos:**

- Datafolha.** Disponível em: [http://datafolha.folha.uol.com.br/po/ver\\_po.php?session=538](http://datafolha.folha.uol.com.br/po/ver_po.php?session=538). Acesso em: 02/10/2008.
- F/Nazca.** Disponível em: [http://www.fnazca.com.br/news/news.php?pag=4&id\\_news=635](http://www.fnazca.com.br/news/news.php?pag=4&id_news=635). Acesso em: 02/10/2008.
- globoesporte.com.** Disponível em: <http://globoesporte.globo.com>. Acesso em: 25/07/2008.
- Meu Sport.** Disponível em: [www.meusport.com](http://www.meusport.com). Acesso em: 25/07/2008.
- Sport Club** (Blog do Leão). Disponível em: <http://www.sportclub.com.br/blog>. Acesso em: 25/07/2008.
- Sportnet.** Disponível em: [www.sportnet.com.br](http://www.sportnet.com.br). Acesso em: 25/07/2008.
- Wikipédia.** Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Web\\_2.0](http://pt.wikipedia.org/wiki/Web_2.0). Acesso em: 25/07/2008.